

ROBERT BEAUVAIS, *L'hexagonal tel qu'on le parle*, Paris, Hachette, col. Humour Contemporain, 1970.

Há quem fale javanês e há, também, quem se divirta, como Heitor Martins, a traduzir Carlos Drummond de Andrade ao volapuque. Já houve quem, como Mário Casasanta, em tempos idos e vividos, a todos surpreendesse com um discurso em esperanto. Hoje, porém, a moda mesmo é o hexagonal. Não há filho de Deus, pedante ou *snob*, que dela se exima. Depois do inglês que vem corrompendo todas as línguas, transformando-as todas em novas espécies de língua franca, eis o hexagonal. Etienneble, na sua ojeriza, justificadíssima aliás, ao *franglais*, cedeu palavra, protesto e ironia a Robert Beauvais, bom apóstolo da simplicidade perdida. O hexagonal, francês bastardo, situa-se entre o *franglais* e o jargão técnico-filosófico e neopublicitário. A ele recorrem economistas, psicólogos e demais profetas e cientistas sociais, críticos de literatura e artes plásticas, literatos *et cetera*. Num exercício de recapitulação, para uso de neófitos, Robert Beauvais recopia a arenga de D. Diogo, no Cid. Em escoreito francês corneiliano, leiam-se os versos que fazem as delícias dos que frequentam a Comédie Française

se ou dos que se dão ainda ao luxo de conhecer o texto original: "O rage! Ó desesper! Ó vicillesse ennemie! / N'ai-je donc pas vécu que pour cette infamie? Et ne suis-je blanchi dans les travaux guerriers / Que pour voir en un jour flétrir tant de lauriers?" Em genuíno hexagonal, o pastiche: "O stress! Ó break-down! Ó senescense aliénante! N'ai-je donc tant vécu que pour cette perturbation culpabilisante? / Et n'ai-je donc perduré dans une escalade promotionnelle à vocation martiale, que pour déboucher sur l'instanternéité de ce retour au degré zéro de l'investiture?"

Para os avessos ao tom empolado da arenga clássica, existe matéria copiosa a respigar nas páginas dos Suplementos Literários, revistas de divulgação econômica e social, nos exercícios de crítica da geração de vanguarda. Quem não usa a linguagem especial, do grupo, condena-se à conspiração do silêncio: não tem direito a citação nem suas opiniões merecem crédito. Quem pratica o hexagonal não pensa em termos de vida mas de "realidade vivida". Julga mais exato referir-se à "inclusão na temporalidade sincrônica" ou "diacrônica" do que falar de tempo atual, que se vive, tempo que passa ou contemporâneo. Quem ousaria comprometer-se hoje, recorrendo a compromissos ou relacionar-se, mencionando relações? O que

vale é compromissamento e relacionamento. Caducaram as tomadas de consciência e arcaizou-se o exame de consciência. Agora todos se conscientizam.

Convém lembrar que a carapuça não foi feita à medida dos que se utilizam dessa terminologia, e são muitos, em vocabulário técnico propriamente dito, para atender às necessidades das ciências novas. Nem Robert Beauvais assim o entendeu ao citar-nos alguns exemplos dignos de lembrança. Vejamos: "Thématique", "démarche", "approche", "univoque", "crédible", "culpabilisant" etc. Se o fez foi porque o hexagonal, "*comme l'anglais et la métaphysique, [est] une langue qu'on parle bien, mais qu'on comprend mal*". Isso, na França. Acontece que também entre nós já se cultiva a nova arte de bem falar e redigir. Seu objetivo? Alargar a distância entre o vulgo e o incluído. O jargão, usado pelos *experts*, distingue, realça o estilo, estabelece fronteiras. Torna-se evidente que a pouco e pouco se começa a fazer esoterismo e, nesse caso, a prosa passa a privilégio de minoria. Nada se ensina, afinal, àqueles aos quais de fato interessaria a aprendizagem.

Tomemos a crítica literária, de mais fácil *approach*. Da função ancila, a que sempre se obrigara por razões intrínsecas, intenta adquirir autono-

mia, desvirtuando fins e princípios inerentes à sua condição. O crítico, como sabemos, vive por procuração. Lavra campo alheio, frutifica e floresce em jardim estranho. Humilde servidor da obra literária, não visa a outro fim que o de trocá-la em míldos, explicá-la, encarecer-lhe méritos, exaltar-lhe a excelência aos olhos e sensibilidade menos dotados. Nutre-se portanto de genialidade, digere-a e alimenta os que, incapazes de assimilar-lhe a substância, morrem de inanição diante do prato suculento. Ainda que haja criação na tentativa de análise e interpretação do texto, o labor intuitivo exerce função meramente vicária. Não cabe ao crítico o papel de favorito, de *vedette*. O dono da cena é o autor. Compete a ele o difícil e bem ajuizado emprego das luzes para a iluminação do palco em que se concentra a atenção do público.

Cada geração produz, é certo, os críticos que merece. Ou inventa-os. Talvez o hermetismo da literatura atual esteja a exigir crítica e "instrumental" complexo. Ou, quem sabe? A arte envergonhe atualmente a simplicidade inocente do passado. Como não lhe é permitido transformar-se em ciência, assume ares científicos. Na era da técnica, da cibernética, da informática, da semiologia, da semiótica e mais ocultismos, ai daqueles que se aventurem a ler meia dúzia de

versos sem munir-se de códigos, sistemas, paradigmas, índices, tábuas, equações e fórmulas. Impossível iluminar uma página, antropológica-mente concebida, estruturalmente articulada, sem recorrer à matemática, aos cálculos dedutivos, às progressões aritméticas, à *média*. Não se pode negar, e Thomas Mann bem o assinalou em *Félic Krull*, que os mitos e metáforas do futuro serão forjados em termos de astrofísica e microbiologia. A fascinação das novas conquistas e descobrimentos justificará plenamente a mudança do centro de interesse cultural. Contudo não há que precipitar o processo e... *modus in rebus*... Embora concordemos com Snow, a quem parece tão lamentável ignorar-se Shakespeare quanto desconhecer-se a segunda lei da termodinâmica, cumpre distinguir, evocando o mesmo matemático, a cultura humanística da cultura matemática. A distância que medeia entre uma e outra se foi alargando consideravelmente a partir do século XVII. Hoje, a razão está com George Steiner (*Language and silence*. Nova Iorque, Atheneum, 1967) quando afirma que o abismo entre a linguagem da palavra e a linguagem da matemática se torna cada vez maior. A chamada *crise da langage*, sentida por Sartre, tem-se agravado depois que as ciências naturais e a matemática passaram à in-

vejável situação de vanguarda no mundo civilizado. Daí, a extraordinária importância do signo, do número, da fórmula, da equação e da parábola. A linguagem da palavra, fugidia e vaga, não satisfaz. Busca-se a precisão gráfica do diagrama ou da teoria dos quanta. A sociologia, especialmente, interessa o rigor da tabela estatística e o "pontualismo integrado" das ciências exatas. Informa-nos George Steiner, já citado, que na América e na Alemanha a sociologia é não-literária ou, mais especificamente, antiliterária. A palavra abandona o livro para ceder lugar ao número. Muitos pintores recusam-se agora a nomear seus quadros. Atribuem-lhes números à guisa de títulos. O cientificismo da música tem afastado muito melômano das salas de concerto. Em compensação, o aplauso dos jovens incentiva e promove a arte nova que deve a sua grande fascinação ao interesse técnico da composição, considerada como verdadeira ciência matemática.

A poesia concreta e neoconcreta, sensível à crise da linguagem, procurou resolvê-la na economia interna do poema: despojou-o de todo luxo acessório, depurou-o da garga dispersiva para atingir a "essencialidade" expressiva. Resultado: pílulas poéticas de fácil absorção. Ou, a ouvir Jean Bellemain-Noel, essa "poesia

parece adiantar-se à sua própria destruição, apresentando a própria poeticidade como morte de toda a poesia; o pensamento aí se entrega para condenar-se ao nada e a inteligibilidade parece recusar-se a toda e qualquer compreensão." ("Milosz aux limites du poème". *Poétique*, 2). Chegados a tais extremos, não nos socorre senão a fé na poesia e no destino eterno da sua mensagem. Valha-nos, pois, a esperança no

PABLO NERUDA, *Geografía infructuosa*. Buenos Aires, Editorial Losada S.A., 1972.

Em *Geografía infructuosa*, seu último livro, Pablo Neruda declara (como se nos fosse difícil adivinhá-lo) que o ano de 1971 foi *cambiante* para os seus hábitos. Do prêmio Nobel e da delegação chilena em Paris, na qualidade de embaixador, isto é, da notícia e do fato, de relevante interesse biográfico, sabíamos todos. Porém houve mais: aquilo de que só o poeta nos pode dar ciência — o que nem sempre se divulga em entrevista coletiva à imprensa ou em declaração pública. E nos seus versos que ele o denuncia, longe dos *flashes* e das reportagens laudatórias. Aí iremos buscá-lo para aprender se Neruda, Prêmio Nobel, terá sacrificado o chileno uni-

"*siempre habrá poesía*", ainda que à minguada de poetas...

O melhor mesmo é começar a aprender o hexagonal ou nos matricularmos num curso de *New math*. Do contrário, estaremos votados à mudez e, o pior, surdos à nova arte. O homem que sabia javanês talvez se fizesse mais útil que nós, pobres herdeiros de uma cultura humanística desprovida de encantos e ... função.

MARIA JOSÉ DE QUEIROZ

versal e cósmico do *Canto general*. A leitura do livro publicado pela Editora Losada será sumamente esclarecedora: nele se prolonga a sua obra em alguns dos seus níveis e temas nucleares e adverte-se, também, uma progressiva tomada de consciência da dor de ser. No desejo agora expresso de "*volver de donde vine, / a la humedad del subsuelo*", porque "não há piedade para o homem entre os homens", renova-se o antigo desabafo seu, "*sucede que me canso de ser hombre*". Esse cansaço, grave e denso, atinge não só a essência do humano mas implica, ademais, no desgaste da própria facticidade pessoal. Já não lhe serve de armadura o pseudônimo, *Pablo Neruda*, atrás do qual julgava defender-se, inaugurando uma nova personagem, alheia ao sangue dos antepassados: "*y creí inaugurar-me: /darme apellido*,